

Brasileiros inauguram módulo científico no interior da Antártida

13/01/2012 - Cientistas brasileiros inauguraram oficialmente nesta quinta-feira (12) o módulo Criosfera 1, instalado no interior da Antártida para monitoramento meteorológico e coleta de informações sobre o impacto da mudança climática no continente antártico.

Os equipamentos já operam desde a primeira semana de janeiro e transmitem remotamente dados sobre a velocidade do vento e umidade do ar a partir das coordenadas 84°S, 79°29'39"W, a 670 km do Polo Sul Geográfico e a 2.500 km de distância da Base Antártica Comandante Ferraz, mantida pela Marinha na costa da região.

Dez pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e das universidades Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) estão desde dezembro acampados no local e são responsáveis pela instalação de equipamentos e realização de medições.

O Globo Natureza conversou nesta sexta-feira (13), por telefone via satélite, com o glaciólogo Jefferson Simões, da UFRGS, um dos coordenadores da expedição ao Polo Sul. No momento da conversa, a temperatura no acampamento era - 17 °C.

“Está um friozinho aqui”, brincou o pesquisador. Durante o verão no Hemisfério Sul o sol nunca se põe (fenômeno chamado de “Sol da meia-noite”) e a temperatura média é de - 20 °C, com sensação térmica de - 41 °C.

Simões disse que o equipamento funcionará de forma sustentável, com energia eólica (ventos) e painéis solares. “Mas os painéis ficarão desativados a partir de março, quando a região fica totalmente escura”.

Análise

De acordo com o pesquisador, o módulo, que também mede a quantidade de dióxido de carbono na região, verificou a concentração de 385 partículas por milhão (ppm) de CO₂, quantidade que é 40% maior aos níveis pré-industriais.

“Nós também já constatamos a presença de carbono negro, presente na fuligem que é subproduto de queimadas e uso de combustível fóssil. Isto está chegando cada vez mais na Antártida e queremos investigar o fato”, explica Simões. Outra parte importante da pesquisa está ligada ao aquecimento da região periférica do continente.

“Sabemos que já ocorre o derretimento das geleiras e também a migração de animais. São sinais da mudança climática. Mas pesquisas apontam que o centro da Antártida está esfriando, enquanto as bordas estão esquentando. Isso pode ter influência do buraco na Camada de Ozônio. O Criosfera 1 vai contribuir com pesquisas internacionais sobre o tema e reforça a participação do Brasil no Tratado da Antártida, que decide o futuro de 10% de área do planeta Terra”, complementa.

Dificuldades

Os dez pesquisadores permanecem no interior da Antártida até o dia 20, retornando para Punta Arenas, no Chile, no dia 22 e, posteriormente, para o Brasil. Enquanto isso, enfrentam um cotidiano difícil.

“Aqui não tem como seguir um horário específico, já que estamos perto do Polo Sul e é dia o tempo todo. Por isso, definimos seguir o fuso do Chile (uma hora a menos que o horário de Brasília). Os dez (cientistas) ficam divididos em cinco barracas, a uma temperatura de - 7 °C no interior delas. São ao menos dez horas de trabalho por dia”, comenta.

Segundo o professor Simões, roupas e óculos especiais protegem a equipe do frio e dos reflexos do sol na neve, que podem prejudicar a visão humana. “O mais difícil mesmo é sair do saco de dormir”, comenta.

Após o retorno do grupo, o módulo antártico vai enviar informações automáticas para o Inpe, em São José dos Campos (SP). No fim de 2012, uma nova expedição irá ao local para verificar os instrumentos e coletar dados que não foram transmitidos.

Fonte: Globo Natureza, por Eduardo Carvalho